

O IBAS COMO EXPRESSÃO DAS COALIZÕES SUL-SUL: O CASO DO FUNDO PARA ALÍVIO DA FOME E DA POBREZA

THE IBAS AS EXPRESSION OF THE COALITIONS SOUTH-SOUTH: THE CASE OF THE DEEP ONE FOR RELIEF OF THE HUNGER AND THE POVERTY

Diego Pautasso^{1*}
Bruno Iankowski^{2**}

RESUMO

O objetivo deste artigo é mostrar a importância do IBAS e de seu Fundo para Alívio da Pobreza e da Fome como parte das novas coalizões Sul-Sul. O argumento central é que o IBAS é mais que uma coalizão momentânea, mas sim parte de uma alteração na correlação de forças em escala global. E esses países emergentes são representantes de uma mudança de agenda, voltada, cada vez mais, para a ênfase na cooperação para o desenvolvimento e para a reforma das estruturas mundiais de governança.

PALAVRAS-CHAVE:

IBAS; Coalizões Sul-Sul; Fundo para Alívio da Pobreza e da Fome.

ABSTRACT

The aim of this paper is to show the importance of IBSA and its Fund for Alleviation of Poverty and Hunger as part of the new South-South coalitions. The central argument is IBSA is more than a momentary coalition, but rather part of a change in the correlation of forces on a global scale. And these emerging countries are representatives of a change agenda, focused, increasingly, for the emphasis on development cooperation and the reform of global governance structures.

KEYWORDS:

IBSA; Coalitions South-South; Fund for Poverty Alleviation and Hunger.

1 * É doutor e mestre em Ciência Política e graduado em Geografia pela UFRGS. Atualmente é professor de Relações Internacionais da ESPM Sul e integrante do Núcleo de Pesquisas em Estudos Globais (NUPEG). E-mail: dgpausso@gmail.com

2 * É graduado em Relações Internacionais pela ESPM Sul.

Introdução

O fim da Guerra Fria representou muito mais do que a consecução de um mundo unipolar sob liderança dos EUA. Se na década de 1990 havia a percepção da renovação da hegemonia norte-americana, a virada do século XXI alterou nitidamente a correlação de forças em escala global. A projeção de novos polos de poder e dos ditos países emergentes tem gerado, de um lado, pressões sobre as antigas estruturas de poder e governança e, de outro, proporcionado a criação de novos arranjos políticos e econômicos.

O Fórum de Diálogo Índia-Brasil-África do Sul (IBAS) se insere nesse novo quadro histórico das relações internacionais. Apesar da autoevidente diferença de trajetória histórica e as capacidades político-econômicas, os países deste agrupamento têm convergido suas expectativas e proporcionado a coordenação de suas atuações internacionais em diversas esferas. Se faz parte da lógica de qualquer coalizão suas contradições, deve-se destacar também que as coalizões pressupõem a existência de interesses comuns.

O argumento central deste trabalho é que o IBAS e seu Fundo de Alívio da Fome e da Pobreza são mais do que resultado de uma coalizão momentânea, mas resultado de uma ampla transição de poder marcada pela projeção de países emergentes. E estes têm convergido suas agendas por duas razões determinantes que permitem dar fôlego ao agrupamento: a ênfase na cooperação para o desenvolvimento e a reforma das estruturas mundiais de governança. Nesse sentido, o Fundo contempla uma dessas razões, não menos importante, face tanto ao esgotamento das políticas liberalizantes e o unilateralismo predominante nos anos 1990, quanto pelas demandas por desenvolvimento do amplo leque de países periféricos. Por fim, o texto está organizado em três seções: a primeira analisa a formação do IBAS no contexto da transição sistêmica e de fortalecimento das relações Sul-Sul; a segunda aborda a organização e atuação do Grupo; e a última destaca as ações do Fundo de Alívio da Pobreza e da Fome.

As coalizões Sul-Sul e a formação do IBAS

Já desenvolvemos em outra oportunidade nosso entendimento sobre a transição sistêmica e o fortalecimento das relações Sul-Sul a partir de um conjunto de indicadores empíricos nos âmbitos populacional, econômico-comercial e político-diplomático (PAUTASSO, 2011a). A mudança no balanço de poder e o surgimento de novos polos de poder têm implicado a criação de novos arranjos políticos. Com efeito, percebe-se a proliferação de organizações, grupos e coalizões voltadas a contemplar demandas que não estão sendo atendidas nas estruturas de governança criadas no Pós-Guerra e estruturadas pela ONU e o poder dos EUA.

Aliás, cabe destacar que as percepções e análises acerca dessas mudanças vêm se refletindo no seio das estruturas hegemônicas de poder. Primeiro, cabe citar a publicação do *Relatório do Desenvolvimento Humano 2013* da ONU com o sugestivo título *‘A Ascensão do Sul: progresso humano num mundo diversificado’*.³ E agora com o estudo da CIA intitulado *Global Trends 2030: alternative worlds*⁴ que reflete as preocupações da elite norte-americana acerca de um novo mundo que aparenta fugir ao controle.

Atualmente, o processo de constituição de coalizões internacionais tem ocupado papel central na dinâmica das negociações multilaterais e regionais de comércio, particularmente no que tange às perspectivas de reequilíbrio de forças centro-periferia no cenário internacional (OLIVEIRA, ONUKI & OLIVEIRA, 2009, p. 157). Trata-se, na verdade, da continuação de um sinuoso processo de multipolarização que remonta à formação, em 1955, em Bandung, na Indonésia, do Movimento dos Países Não Alinhados (NAM). Durante os anos 1980 e 1990, as crises do petróleo (1973-79), a desaceleração da economia mundial, o fim da Guerra Fria e a difusão das políticas neoliberais provocaram sobressaltos e a desmobilização do movimento terceiro-mundista.

Contudo, o contexto da virada do século XX-XXI provocou “o reaparecimento e a proliferação de coalizões tipo Sul-Sul” (OLIVEIRA, ONUKI & OLIVEIRA, 2009, p. 173), refletindo as recorrentes crises financeiras, a emergência de novos polos de poder, o acelerado desenvolvimento dos países do Leste da Ásia, as intervenções militares de potências ocidentais, a crise no epicentro do sistema mundial (EUA e Europa), entre outros processos.

Nesse contexto de reaparecimento e fortalecimento das relações em âmbito Sul-Sul, surge o Fórum de Diálogo IBAS, em 2003, composto por 3 grandes potências emergentes, Índia, Brasil e África do Sul.⁵ Esse grupo trilateral tem sua origem em uma proposta do Congresso Nacional Africano (ANC), antes mesmo de o partido ter chegado ao poder, numa espécie de G-8 do Sul (FILHO, 2009, p. 19). Outro elemento que contribuiu para a constituição do IBAS, ou G-3, foi contencioso das patentes farmacêuticas na OMC, em 2000, quando os EUA pediram a abertura de um Painel na OMC, “contra” o Brasil, questionando o artigo 68 da lei 9279/96 de uso de licença compulsória perante as patentes de remédios em caso de emergência na saúde pública. Para se defender, o Brasil mobilizou

3 Ver íntegra do Relatório da ONU disponível em: <http://www.pnud.org.br/arquivos/rdh-2013.pdf>. Acesso em 20/04/2013.

4 Ver íntegra do Relatório da CIA disponível em: <http://info.publicintelligence.net/GlobalTrends2030.pdf>. Acesso em 23/04/2013.

5 São Estados diferenciados por sua identidade dinâmica; sua posição se transforma conforme aumenta seu poder e, junto com ele, sua capacidade de moldar as relações internacionais. Elas detêm alguma capacidade para redesenhar o sistema internacional, desafiando a hierarquia estabelecida do sistema em que atuam (MACFARLANE, 2009, p.76).

os países em desenvolvimento e os PMDR (Países de Menor Desenvolvimento Relativo) e percebeu a potencialidade dessa coalizão (OLIVEIRA, 2005, p. 57-59). Além disso, o IBAS teve como motivador a buscar por alterar a governança mundial e democratizar as instituições globais, como destaque para a Organização das Nações Unidas (ONU) e as instituições de Bretton Woods (FMI e Banco Mundial), dando forma concreta ao ideal de promover os interesses dos país líderes do Sul (AGARWAL; BESADA; WHITE, 2010; MOKOENA, 2007).

A criação do Fórum de Diálogo IBAS foi formalizada com a Declaração de Brasília, no dia 6 de junho. Aproveitando o momento necessário de discussões para a Rodada de Doha, o Brasil convoca África do Sul e Índia para uma Reunião Trilateral de Chanceleres. Nessa ocasião, diante da experiência acumulada com o contencioso das patentes e das suas similaridades e convergências políticas em outros fóruns internacionais foi assinada a Declaração de Brasília⁶ em 6 de junho.

A partir da criação do agrupamento trilateral, foram inúmeras reuniões ministeriais à margem dos encontros da Assembleia Geral das Nações Unidas, reuniões ministeriais e cúpulas anuais.⁷ Disso resultaram diversos atos internacionais⁸ voltados à governança, temas sociais, promoção da cultura, cooperação técnica, meio ambiente, etc. Além disso, foram formulados ainda os documentos conceituais, como o *Future of Agriculture Cooperation* e o *Social Development Strategies*. O primeiro documento, está voltado a examinar as tendências da agropecuária, as possibilidades de cooperação em pesquisa, produção e comércio, assim como o desenvolvimento de capacidades institucionais nos membros do IBAS.⁹ Já no segundo, os objetivos estão relacionados, mais do que crescimento da capacidade produtiva, como o desenvolvimento social, destacando a inclusão social e a extensão de serviço públicos e da proteção social, bem como o fortalecimento da democracia e da participação popular.¹⁰

Apesar das especificidades de suas respectivas políticas externas e da ainda embrionária trajetória do agrupamento, segundo Lima (2010, p. 11) o

6 Para detalhes, ler a íntegra disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/temas-mais-informacoes/temas-mais-informacoes/saiba-mais-ibas/documentos-emitidos-pelos-chefes-de-estado-e-de-declaracao-de-brasilia/view>. Acesso em 23/05/2013.

7 Estes atos internacionais estão disponíveis em: <http://www.itamaraty.gov.br/temas-mais-informacoes/saiba-mais-ibas/quadro-de-atos-internacionais-em-vigor-no-ambito/view>. Acesso em 23/05/2013.

8 Para detalhes, ver o documento conceitual disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/temas-mais-informacoes/saiba-mais-ibas/documentos-conceituais/future-of-agriculture-cooperation-in-ibsa/view>. Acesso em 23/05/2013.

9 Para detalhes, ver o documento conceitual disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/temas-mais-informacoes/saiba-mais-ibas/documentos-conceituais/future-of-agriculture-cooperation-in-ibsa/view>. Acesso em 23/05/2013.

10 Para detalhes, ver o material disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/temas-mais-informacoes/saiba-mais-ibas/documentos-conceituais/social-development-strategies/view>. Acesso em 23/05/2013.

“Fórum de Diálogo Índia, Brasil e África do Sul (IBAS, ou G-3) constitui um dos mais importantes esforços cooperativos do Sul no mundo Pós-Guerra Fria”. Com efeito, é da natureza das coalizões ter de compatibilizar objetivos e construir consensos momentâneos, ou seja, a “viabilidade da ação coletiva depende da flexibilização de posicionamentos dos membros da coalizão” (OLIVEIRA, ONUKI e OLIVEIRA, 2009, p. 184). É o caso específico, por exemplo, da questão da agricultura no âmbito da OMC, pois, sobretudo Brasil e Índia, apresentam inserção distinta no mercado mundial de bens primários e situação doméstica bastante diferente no âmbito rural.

Organização e atuação do IBAS

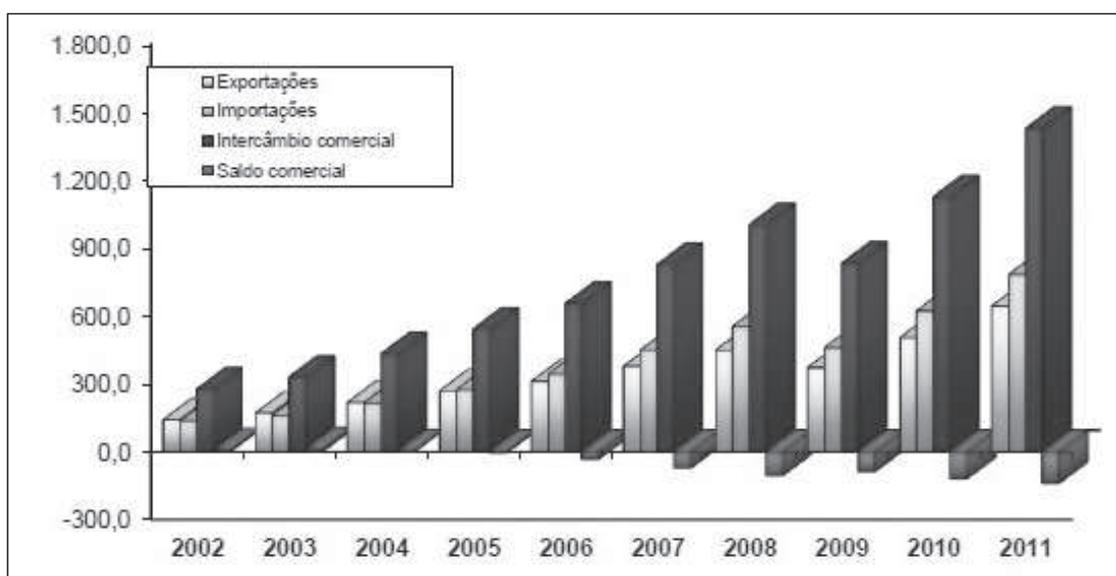
Ao longo do Pós-Guerra Fria ocorreu uma mudança de identidade e, conseqüentemente, uma convergência de interesses entre os países emergentes com um discurso voltado à agenda do desenvolvimento e da multipolaridade (MIELNICZUK, 2013). Com efeito, a articulação política do IBAS assumiu uma clara feição voltada ao desenvolvimento e produziu uma agenda de cooperação trilateral no comércio, segurança, biocombustíveis, políticas sociais, comércio marítimo e pesquisa (MOKOENA, 2007, p. 125). O resultado foram as três principais frentes de atuação do agrupamento, sendo elas: 1) os fóruns para consulta e convergência em nível político; 2) os 16 Grupos de Trabalho que colaboram em áreas e projetos concretos; 3) e a assistência a outros países em desenvolvimento através do Fundo para Alívio da Fome e da Pobreza.

No tocante aos Fóruns, a estrutura do IBAS não é similar a da maioria das organizações internacionais ou regionais, pois não possui um secretariado permanente ou um documento formal que declare sua estrutura organizacional. O ponto alto dessa cooperação política ocorre nas Cúpulas, que tiveram início em 2006. Essas Cúpulas têm sido o instrumento que leva os países a uma aproximação e amplificação da força das posições, que, ao serem conduzidas de forma conjunta, tornam-se tremendamente mais influentes (CARPENTER, 2009, p. 4). Um dos elementos mais importantes, advindos de cada uma das Cúpulas realizadas até hoje, são os comunicados públicos, os quais indicam a evolução das posições e os desafios da aproximação dos integrantes do IBAS.

A segunda frente do IBAS refere-se aos Grupos de Trabalho (GT's), que levam o grupo a um nível superior de cooperação trilateral. Vale lembrar que, em adição as já mencionadas Cúpulas, o IBAS também possui as chamadas Comissões Mistas, que definiram os GT's e que servem de base estrutural para os projetos a serem realizados por esses Grupos. São dezesseis Grupos de Trabalho priorizando as prioridades da agenda de desenvolvimento desses países. Entre estes, destacam-se os de C&T, Defesa, Transportes, Comércio e Investimentos, entre outros.

Sobre o comércio, cabe destacar que no período de 2002 a 2011, o comércio exterior do IBAS com o Mundo cresceu 515%, tendo passado de US\$ 277 bilhões para US\$ 1,4 trilhão. Embora as exportações tenham crescido 456%, as importações subiram 580%, de modo que o saldo da balança comercial do Bloco tornou-se deficitária a partir de 2005, tendo alcançado, em 2011, saldo negativo de US\$ 139 bilhões (Gráfico 1).

Gráfico 1: IBAS – Evolução do Comércio Exterior

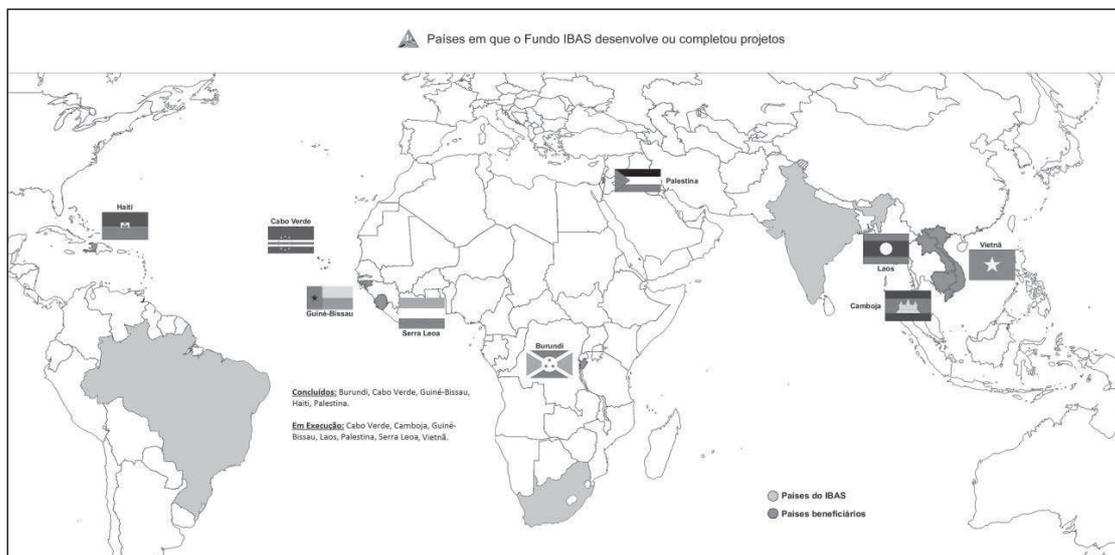


Fonte: Divisão de Inteligência Comercial do MRE

A última frente do IBAS é o Fundo para Alívio da Fome e da Pobreza, que será retratado com foco particular no terceiro capítulo do presente trabalho. O Fundo funciona desde 2004, financiando projetos (Mapa 1) exitosos para eliminação da pobreza extrema, priorizando os países de Menor Desenvolvimento Relativo (MDRs), a partir de uma doação de um milhão de dólares a ser gerido pelo Escritório de Cooperação Sul-Sul (ECSS) das Nações Unidas¹¹. Entre os critérios utilizados para avaliar as propostas submetidas ao Fundo, está o potencial de redução da pobreza; alinhamento com as prioridades do país beneficiário; uso das capacidades já desenvolvidas pelos membros do IBAS; sustentabilidade, inovação e potencial de êxito; entre outras.

¹¹ Segundo o MRE, o Fundo IBAS recebeu, em 2006, o Prêmio “Parceria Sul-Sul para Aliança Sul-Sul”, concedido pelo PNUD, e, em 2010, o Prêmio “Millennium Development Goals Awards”, outorgado pelo “Millennium Development Goals Awards Committee”, ONG voltada à promoção das Metas do Milênio. Em 2012 foi reconhecido com o prêmio “South-South and Triangular Cooperation Champions Award”, entregue pelo Escritório das Nações Unidas para a Cooperação Sul-Sul (ECSS).

Mapa 1



Fonte: MRE

Nessa relação externa do IBAS, destaca-se a ideia inicial da África do Sul, que, como já exposto, consistia em transformar o IBAS num mecanismo de interlocução com o G-8. De uma forma geral, e isso é o que viabiliza a coalizão, há um interesse comum em fortalecer a inserção internacional autônoma, ampliar o ativismo em fóruns multilaterais, mobilizar seus respectivos *soft power*, consolidar suas lideranças regionais, entre outros (FILHO, 2009). É claro que há motivações particulares – e por vezes divergentes – em qualquer organização, instituição ou coalizão política. É o caso, por exemplo, da África do Sul que enfrenta desafios novos após o fim do regime do apartheid, por exemplo (HABIB, 2009). Já a Índia, busca uma normalização de sua situação internacional após os testes nucleares (FILHO, 2009) e através de uma estratégia de multialinhamento (PAUTASSO, 2011b, p. 186).

Não é difícil reconhecer que há pontos sensíveis na articulação diplomática entre os membros do IBAS. Basta destacar que o Brasil e a África do Sul têm divergências com a Índia na questão das armas nucleares. Não por acaso, há expressivas divergências no padrão de votação no Conselho de Segurança da ONU, não só na temática da nuclearização, quanto em assuntos relacionados a direitos humanos e à própria reforma do Conselho de Segurança (GAHAM, 2011, p. 427). Obviamente que as possibilidades de cooperação são enormes e vêm sendo trabalhadas nas inúmeras iniciativas citadas. Ou seja, após uma década da sua fundação, o Fórum de Diálogo Índia-Brasil-Sul (IBAS) tornou-se já uma referência de inovadora articulação diplomática no eixo Sul-Sul neste século XXI. E as posições têm sido coordenadas em vários assuntos relevantes, tais como a

questão palestina, a intervenção humanitária na Líbia, a guerra civil na Síria, a crise financeira mundial e agenda comercial junto à Organização Mundial do Comércio (VIEIRA, 2013, p. 291).

Um dos elementos diferenciadores do IBAS é exatamente seu Fundo para Alívio da Fome e da Pobreza. São iniciativas na cooperação para o desenvolvimento com ampla repercussão internacional. Em outras palavras, o IBAS poderá promover sua autoridade e legitimidade política ao expandir e aperfeiçoar a cooperação Sul-Sul no quadro de crise do multilateralismo global liderado pelos EUA/Ocidente. Isto é, o IBAS pode ser um dos catalisadores das aspirações de mudança emanados do Sul (VIEIRA, 2013).

O Fundo IBAS e seus projetos

O Fundo para Alívio da Fome e da Pobreza teve origem em 2004, após a 1ª Comissão Mista do Grupo, em Nova Déli. Tal iniciativa foi constituída e é administrada no âmbito do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Como declarou o ministro indiano Yashwant Sinha, “o IBAS concordou em trabalhar junto no combate à fome e à pobreza não apenas nestes três países-membros, mas em todos os países em desenvolvimento”¹².

O Fundo, dedicado não somente ao combate à fome e à pobreza, mas também à integração e ao desenvolvimento na África, na Ásia e na América Latina, surgiu com dotação orçamentária de 300 mil dólares e, a partir de 2005, passou para 3 milhões de dólares (sendo que cada membro deposita um terço do valor total). O propósito do mesmo é identificar projetos replicáveis e passíveis de expansão que possam ser disseminados em países em desenvolvimento e priorizando o combate à pobreza.

Os projetos são administrados em colaboração e parceria com os países recipiendários. Os governos interessados procuram o apoio do Fundo, enviando propostas para eventual aprovação de acordo com os Pontos Focais do IBAS e o preenchimento dos requisitos elencados acima. Após receberem indicação favorável dos representantes do Grupo e serem analisados pela Junta de Diretores do Fundo, os projetos passam a ser administrados pela Unidade Especial para Cooperação Sul-Sul (SU/SSC). Essa Unidade age como diretora do Fundo e entra em contato com uma agência em potencial para a formulação e a implementação do projeto. Cabe ressaltar que a execução do projeto conta ainda com a parceria dos governos locais e de instituições nacionais, buscando evitar práticas comuns às antigas potências coloniais. É claro que os recursos destinados ao Fundo IBAS ainda são bastante modestos, em especial diante das enormes demandas. De todo

12 Ver material informativo no site do PNUD. Disponível em: http://www.pnud.org.br/pobreza_desigualdade/reportagens/index.php?id01=116&lay=pde. Acesso em: 20/04/2013.

modo, os projetos em curso têm proporcionado resultados positivos (WHITE, 2009, p. 3).

Em 2004, na Reunião Ministerial em Nova Iorque, foi escolhido o primeiro projeto a ser implantado; e o país escolhido foi a Guiné-Bissau, no continente africano¹³. O país recepiendário tem precária situação econômica, ocupando a 164ª posição dos 169 países listados no ranking do Índice de Desenvolvimento Humano (2010). Denominado de *Boosting food self-sufficiency*, o projeto teve participação de diversas organizações, tais como: o Instituto Sul-Africano de Assuntos Internacionais (SAIIA), a Unidade de Negócios da África do Sul (BUSAS), o Instituto para Negociações Comerciais Internacionais (ICONE), a Agência Suíça para Desenvolvimento e Cooperação (SDC) e Centro para Comércio, Economia e Ambiente Internacional (CUTS-CITEE). Nesse caso, o Fundo atuou em parceria com o Ministério da Agricultura local para desenvolver a agricultura e a autossuficiência alimentar, com investimentos de 500 mil dólares entre fevereiro de 2006 e abril de 2007. Vale lembrar que um dos objetivos principais das Metas do Milênio é o acesso à alimentação com preços razoáveis e justos para cada sociedade¹⁴.

O segundo projeto do Fundo IBAS, também já finalizado, deu-se no Haiti, país na 145ª posição no IDH (2010), PIB de apenas 7 bilhões de dólares e PIB per capita de 726 dólares. Esse projeto rendeu ao IBAS o prêmio de melhor Cooperação Sul-Sul em 2006. O projeto ocorreu na comunidade de Carrefour-Feuilles, classificada entre as áreas de maior índice de violência da capital Porto Príncipe. Em janeiro de 2006, iniciou-se, através do PNUD, o projeto voltado à gestão de resíduos sólidos, com a coleta e descarte do lixo, redução da incidência de enchentes por meio da retirada do acúmulo de lixo que era regularmente jogado nos canais da comunidade, contribuindo indiretamente para reduzir os vetores de doenças. Os mecanismos utilizados para assegurar a participação da comunidade nas ações do projeto estão fundamentados na criação do Comitê de Ação Sanitária de Carrefour-Feuilles (CASCAF). O CASCAF incluiu nove membros eleitos pela própria comunidade, incluindo duas mulheres, e foi legalizado pelo Ministério dos Assuntos Sociais, em setembro do mesmo ano.

Apesar da precariedade da comunidade, o projeto auxiliou na organização local e no tratamento de uma questão problemática como o tratamento dos resíduos sólidos. Esse projeto do IBAS impulsionou outras iniciativas, como a

13 Comunicado de Imprensa : “anunciaram, com satisfação, o lançamento do primeiro projeto a ser financiado pelo Fundo IBAS, em apoio ao desenvolvimento agrícola e pecuário na Guiné-Bissau. Sublinharam que a cooperação técnica a ser provida ao Governo da Guiné-Bissau compreende atividades que visam à erradicação da pobreza e da fome, como contribuição para a implementação das Metas do Milênio” (Comunicado de Imprensa).

14 Millenium Declaration, UNGA A/RES/55/2

parceria formalizada em março de 2009 entre o setor público, o setor comercial e a sociedade civil da capital haitiana. Foi construído um mercado público com mais de 300 lojas comerciais junto ao centro de triagem em Pistache Savane, com contribuição da SOGEBANK Foundation, USAID, CHF e a Cidade de Porto Príncipe. Nesse mercado público, gerido pela Comissão de Comerciantes de Savane Pistache (COMASAP), estima-se que 80% dos resíduos sólidos são coletados em Carrefour-Feuilles e que 90% dos comerciantes usam os pontos de coleta para o descarte dos resíduos¹⁵.

Em Cabo Verde, mais precisamente na Ilha de São Nicolau, o Fundo IBAS atuou na assistência para a reconstrução de duas unidades de saúde em uma comunidade isolada chamada Covoada, de onde vem o nome do projeto, intitulado *Renovation of Health Center of Covoada*. O projeto, já concluído, tornou-se um dos únicos centros de saúde para a comunidade local. O projeto beneficiou a população inteira de Covoada e custou apenas pouco mais de 37 mil dólares, iniciando-se em outubro de 2008 e terminando[-se] em dezembro do mesmo ano. Há ainda outro projeto em vias de ser realizado em Cabo Verde, chamado *Provision of Safe Drinking Water*, que consiste em equipar e prover treinamento e materiais para a operação e manutenção da purificação da água, utilizando-se das experiências bem sucedidas do governo da Índia nesse tema.

Outro projeto do Fundo IBAS finalizado foi o *Supporting Programme Opportunities in Recreational and Team Sports (SPORTS) – Construction of a Multi-Purpose Sports Facility in Ramallah District*. Localizado na Palestina, saudado na Conferência de Paris, em dezembro de 2007, esse projeto recebeu aporte financeiro de 1 milhão de dólares para a construção e compra de equipamentos para um Centro Poliesportivo, na cidade de Ramallah. Como os demais, foi realizado pelo PNUD em parceria com o Programa de Assistência ao Povo Palestino e o Plano para Reforma e Desenvolvimento Palestino (PRDP), entre maio de 2009 e junho de 2011. O resultado evidente é melhorar a vida cultural e social na Palestina e, quiçá, facilitar o diálogo Israel-Palestina.

No Sudeste Asiático destacam-se projetos no Laos, no Camboja e no Vietnã. No Laos, há o projeto do Fundo IBAS denominado *Irrigation of Nam San River Basin*, lançado em novembro de 2009. O objetivo é aprimorar a produção de alimentos através da irrigação do Rio Nam Sam, na República Democrática do Laos. Com um investimento total de pouco mais de 1 milhão de dólares advindos em grande parte do Fundo, a ação está voltada a melhorar a segurança alimentar de um país com grandes dificuldades. No Camboja, o projeto denominado *Empowering Children and Adolescents with Special Needs* é executado em parceria

15 Ibid

com o Ministério da Saúde e o Caritas (pertencente à Igreja Católica). Trata-se da compra de um pavilhão, com 8 unidades especializadas, no hospital Chey Chumneas, incluindo programas de residência médica. Além do treinamento profissional, o projeto engaja-se também, na informação e atividades de treinamento tendo como alvo as famílias dos deficientes, melhorando os cuidados tomados com tais pessoas. Já no Vietnã, há o projeto de estabelecimento de um 'hub' de produção de sementes de arroz, iniciado em fins de 2012, voltados a fortalecer a produção (qualidade e produtividade) e a comercialização da produção.

Por fim, outro país a ser beneficiado pelos projetos realizados pelo Fundo IBAS e pelo PNUD é o Burundi. Aprovado em julho de 2008, com um duração prevista de 3 anos e um valor total de mais de 1,1 milhão de dólares, o projeto *Strengthening Burundi's Infrastructure and Capacity to Combat HIV/AIDS* está voltado a combater o vírus da AIDS. Trata-se de fornecer à Sociedade das Mulheres contra a AIDS na África (SWAA, na sigla em inglês) uma infraestrutura necessária para que esta desenvolvesse uma gama de serviços em relação a HIV/AIDS, e, em razão de não criar um estigma ou um certo preconceito contra o centro, seriam disponibilizados também serviços médicos relacionados a outras áreas médicas, não relacionadas ao HIV/AIDS.

Como já destacado por outros autores (AGARWAL; BESADA; WHITE, 2010), a experiência do Fórum IBAS demonstra a importância de programas direcionados para o desenvolvimento e a inclusão social. Dessa forma, o Fundo tem atuado junto a agências multilaterais para reforçar as Metas de Desenvolvimento do Milênio através de projetos de redução da pobreza, utilizando-se do compartilhamento de políticas públicas eficazes e bem sucedidas. Cabe destacar ainda que, ao contrário dos tradicionais doadores, o IBAS tem buscado construir efetivamente a capacidade dos países beneficiários, como ilustram, por exemplo, as ações do Brasil voltadas a gerar capacidade de pesquisa agrícola em outros países por meio da atuação da EMBRAPA.

Palavras finais

Não é difícil reconhecer que o IBAS enfrentará desafios importantes (BERI, 2008), e seus críticos argumentam que, quando a pressão aumentar para chegar a um compromisso, essas diferenças vão fazer o agrupamento colapsar. Contudo, a agenda de cooperação trilateral e as atividades no âmbito da OMC desde 2003 sugerem o contrário (MOKOENA, 2007, p. 141). Sugerem, isto sim, que o Fórum IBAS representa uma espécie de 'novo não-alinhamento' (NAFEY, 2005) voltado a moldar as emergentes estruturas de poder no mundo. Partindo da perspectiva da diplomacia brasileira liderada por Lula, o IBAS representa

parte da estratégia internacional que coloca em seu centro o desenvolvimento, o regionalismo e a clivagem Norte/Sul (OLIVEIRA, 2005).

Em suma, analisar o IBAS a partir de seus desafios pode ser elucidativo e ajudar a compreender 'as águas a serem navegadas'. Deslocar, todavia, a formação do IBAS de seu quadro histórico certamente evitará compreender o contexto e o alcance desse Fórum de Diálogo. Em outras palavras, entre o declínio do velho e o surgimento do novo, há uma confusão decorrente das tendências conflito. E as formas tradicionais de pensar, somadas à força do *status quo*, auxiliam a não compreender a nova ordem mundial em formação.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Melissa. **Is the South ready for South-South Cooperation**. Ipcig, 77, 2009.

AGARWAL, Manmohan; BESADA, Hany; WHITE, Lyal. Social challenges and progress in IBSA. In: **South African Journal of International Affairs**, 17:3, 2010, pp. 333-360.

BERI, Ruchita. IBSA Dialogue Forum: An Assessment. In: *Strategic Analysis*, 32:5, 2008, pp. 809-831.

BUENO, Adriana Mesquita Corrêa. **Política Externa Brasileira e Coalizões do Sul: O Fórum de Diálogo Índia-Brasil-África do Sul (IBSA)**. São Paulo, 2010.

CARPENTER, Carey. **Global Governance, South-South Economic Relations, and Foreign Policy Strategies. In: Emerging Powers: India, Brazil and South Africa (IBSA) and the Future of South-South Cooperation**. Woodrow Wilson International Center for Scholars. Special Report. Aug. 2009.

FILHO, João Genésio de Almeida. **O Fórum de Diálogo Índia, Brasil e África do Sul (IBAS): Análises e perspectivas**. Brasília: FUNAG, 2009.

GAHAN, Suzanne. South Africa's UN General Assembly Voting Record from 2003 to 2008: Comparing India, Brazil and South Africa, In: **Politikon: South African Journal of Political Studies**, 38:3, 2011, pp. 409-432

GAMSON, A. William. **A Theory of Coalition Formation**. *American Sociological Review*, Vol. 26, No. 3 (Jun., 1961), pp. 373-382.

HABIB, Adam. South Africa's foreign policy: hegemonic aspirations, neoliberal orientations and global transformation. In: **South African Journal of International Affairs**, 16:2, 2009, pp. 143-159.

IBSA Fund Overview and Project Portfolio Flyer. Disponível em: <http://tcdc2.undp.org/IBSA/>. Acesso em 15/05/2013.

LIMA, Maria Regina Soares de; HIRST, Monica. (orgs.) **Brasil, Índia e África do Sul: Desafios e oportunidades para novas parcerias**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

MOKOENA, Refilwe. South-South co-operation: The case for IBSA. In: **South African Journal of International Affairs**, 14:2, 2007, pp. 125-145.

NAFEY, Abdul. IBSA Forum: The Rise of 'New' Non-Alignment. In: **India Quarterly: A Journal of International Affairs**. 61: 1, 2005, pp. 1-78.

OLIVEIRA, Amâncio Jorge Nunes de; ONUKI, Janina; OLIVEIRA, Emmanuel de. Coalizões Sul-Sul e multilateralismo: países intermediários e o caso IBAS. In: LIMA, Maria Regina Soares de; HIRST, Monica (Orgs.). **Brasil, Índia e África do Sul: Desafios e Oportunidades para Novas Parcerias**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

OLIVEIRA, Marcelo. Alianças e coalizões internacionais do governo Lula: o Ibas e o G-20. In: **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 8, n. 2, 2005, pp. 55-69.

PAUTASSO, Diego. O fortalecimento das relações Sul-Sul: estratégia e realidade para os países emergentes. In: **Conjuntura Austral**, v. 2, p. 48-62, 2011a.

_____. China e Índia no mundo em transição: o sistema sinocêntrico e os desafios indianos. In: LEÃO, Rodrigo Pimentel F.; PINTO, Eduardo C.; ACIOLY, Luciana (Org.). **A China na Nova Configuração Global: impactos políticos e econômicos**. Brasília: IPEA, 2011b, pp. 165-193.

VIEIRA, Maíra Baé Baladão. **Relações Brasil-Índia (1991-2006)**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009.

VIEIRA, Marco. IBSA at 10: South-South development assistance and the challenge to build international legitimacy in a changing global order. In: **Strategic Analysis**, 37:3, 2013, pp. 291-298.

WHITE, Lyal: **IBSA Six Years On: Co-operation in a New Global Order**. 2009.

Recebido em abril de 2013
Aprovado em maio de 2013